

## **YOUNG, Francis (2016) – A history of exorcism in Catholic Christianity. London: Palgrave MacMillan, (275pp.)**

Por PHILIPPE DELFINO SARTIN

Doutorando na Universidade de São Paulo (USP)<sup>1</sup>

[philippesartin@gmail.com](mailto:philippesartin@gmail.com)

O livro em apreço é o primeiro esforço de síntese, disponível em língua inglesa, dedicado ao estudo dos exorcismos no cristianismo ocidental.<sup>2</sup> É, além disso, a publicação mais recente num campo historiográfico em pleno desenvolvimento. Com efeito, segundo escreve o autor no prefácio, “as últimas três décadas assistiram a uma explosão de interesse, entre os historiadores, pelo fenômeno da possessão demoníaca”, sobretudo durante a época das Reformas. Embora seja possível recuar tal interesse, sem grandes dificuldades, aos trabalhos fundadores de Robert Mandrou e Michel de Certeau, o verdadeiro marco desta temática é o ensaio comparativo de D. P. Walker (1981) a respeito dos episódios ocorridos em França e Inglaterra nos finais do século XVI, quando as possessões e exorcismos figuravam como instrumentos de disputa e propaganda confessional.<sup>3</sup> Desde então, é bem verdade, e na esteira das pesquisas sobre bruxaria e demonologia, um número crescente de historiadores tem direcionado seus esforços para a compreensão de tais realidades, indo desde as investigações regionais – com destaque para o contexto italiano, berço de uma arte exorcística no século XVI – à análise de suas relações com a medicina, a espiritualidade e as questões de gênero.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura de Mello e Souza (USP/Paris IV-Sorbonne).

<sup>2</sup> YOUNG, 2016: 7.

<sup>3</sup> MANDROU, 1979; CERTEAU, 2000; WALKER, 1981.

<sup>4</sup> A respeito dos contextos regionais, cf. França: FERBER, 2004; DICKERMANN; WALKER, 1991; Inglaterra: ALMOND, 2004; Espanha: BUIL, 1993; TOLOSANA, 2004; Itália: O’NEIL, 1987; LEVI,

O livro possui méritos inegáveis. O maior deles reside em introduzir o estudo dos ritos de exorcismo – tal como praticados ao longo da história da Igreja – baseando-se em abundante bibliografia e abrangendo um vasto período. O autor organiza os seus argumentos em oito capítulos: “Introdução” (pp. 1-26); “O exorcismo nos primórdios do Ocidente Cristão, 300-900” (pp. 27-60); “O exorcismo em crise: a Idade Média, 900-1500” (pp. 61-98); “O exorcismo na Europa da Contrarreforma”, (pp. 99-130); “O exorcismo católico para além da Europa católica” (131-154); “O exorcismo na Idade da Razão” (pp. 155-180); “O exorcismo na idade da dúvida: séculos XIX e XX” (pp. 181-208) e, por fim, “O retorno do exorcismo” (pp. 209-244). Devido ao recorte utilizado, todavia – o estudo do “desenvolvimento dos fundamentos teológicos, litúrgicos e legais do exorcismo, de preferência ao fenómeno físico da possessão” – sua leitura precisa de ser complementada, por exemplo, pelo livro de Brian Levack, para que se tenha uma visão equilibrada de um tão vasto período.<sup>5</sup>

Com efeito, o livro intenta ser mais que um estudo introdutório. Segundo Young, a ideia de sua escrita surgiu enquanto finalizava um trabalho anterior, *English Catholics and the Supernatural, 1553–1829* (2013). Durante o curso de sua pesquisa, ter-se-ia apercebido da necessidade de um trabalho que “definisse as fronteiras do que poderia ser considerado exorcismo”, localizando as práticas – hoje em dia tão estudadas – da Época Moderna “num contexto histórico mais vasto”. De acordo com o mesmo, pode-se dividir o enfoque dos últimos trinta anos de pesquisas ora nos “comportamentos das pessoas supostamente possuídas”, ora “no comportamento dos exorcistas”. Nenhuma delas, escreve o autor, “se dedicou ao exorcismo de um ponto de vista ‘processual’, examinando os textos e rituais de exorcismo em si mesmos”<sup>6</sup>. Preencher tal lacuna é, portanto, o objetivo principal de seu estudo e é a partir dele que se deve avaliar a sua coerência, pertinência e alcance.

Trata-se, à primeira vista, de uma estratégia eficiente. Ao concentrar seus esforços num escopo documental limitado – os textos de exorcismos,

---

2000; ROMEO, 1990; 1998; LAVENIA, 1998; 2005; 2009; MAGGI, 2001; BRAMBILLA, 2011; Alemanha: MIDELFORT, 1986; 1989; por fim, Portugal: RIBEIRO, 2003. Quanto aos estudos envolvendo medicina, gênero e espiritualidade, cf. sobretudo, CACIOLA, 2006 e SLUHOVSKY, 2007.

<sup>5</sup> YOUNG, 2016: 2; LEVACK, 2013. Segundo Young, não obstante o subtítulo de Levack, seu livro é “na realidade, uma história da possessão e dos possuídos”, dedicando pouco mais de dez páginas ao tema dos exorcismos, (YOUNG, 2016: 10-11). Curiosamente, as críticas direcionadas por Young numa sua resenha ao livro de Levack podem ser feitas ao seu próprio livro: ambos são bastante ambiciosos e possuem um caráter introdutório. Para esta última, cf. <https://historyofwomenreligious.org/book-reviews-i/> (accedido em 30/03/2018).

<sup>6</sup> YOUNG, 2016: vii.

tomados em si mesmos – o autor parece antever as dificuldades de sua ambiciosa empresa: escapando à competência monográfica do historiador, trabalhos de síntese carecem, por definição, das qualidades de uma pesquisa original. É assim que, por exemplo, no capítulo sobre o exorcismo nos primeiros séculos do cristianismo, Young se vê forçado a apoiar-se extensivamente nos trabalhos de Henry Ansgar Kelly e Andrea Nicolotti, tendo pouco a acrescentar em termos de pesquisa. Sua abordagem textual, todavia, mostra-se eficiente. Intervindo no debate sobre as origens litúrgicas do exorcismo dos energúmenos – e em aberta polêmica com Peter Brown e Florence Chave-Mahir – Young demonstra como os exorcismos presentes no *Sacramentário de Gellone*, do século VIII – nos quais se inspiraram muitos dos ritos subsequentes – não derivam exclusivamente dos exorcismos batismais, como sustentam tais autores, mas de uma tradição litúrgica independente, infelizmente desaparecida.<sup>7</sup>

A análise textual recua em seu terceiro capítulo, acerca da crise do exorcismo na Idade Média, mas por um bom motivo: aqui o tema é a escassez das fontes – ora hagiográficas, ora litúrgicas – donde se deduz, com maior ou menor razão, o declínio das práticas. Embora se apoie, desta vez, nos trabalhos de Nancy Caciola e da já citada Florence Chave-Mahir, Young censura-lhes a pouca atenção dispensada à realidade inglesa. Segundo este, a crise medieval do exorcismo – visível no seu desaparecimento dos livros litúrgicos por volta do século XIII – deu-se de forma particularmente aguda na Inglaterra, onde os formulários codificados cediam espaço às necessidades particulares da população, como a cura de doenças e a expulsão de entidades e espíritos de origem pré-cristã.<sup>8</sup> Trata-se, mais uma vez, e apesar das enormes dificuldades documentais, de uma contribuição original.

Outro ponto positivo da publicação é a comparação realizada entre os formulários de exorcismo: duas tabelas se ocupam das similaridades entre as fórmulas do *Ritual Romano* (1614), intituladas em conjunto “*De exorcizandis obsessis a daemonio*” e os exorcismos do *Sacramentário de Gellone*, bem como entre aquelas e o chamado *Suplemento Parisiense* – outro manuscrito do *Sacramentário Gelasiano* (pp. 49-51). Uma terceira tabela compara novamente o rito de 1614 com o seu substituto, *De exorcismus et supplicationibus quibusdam*, publicado em 1999 (p. 253). Este, pode-se dizer, é o núcleo de todo o livro. Segundo o autor, a predileção da historiografia pelo estudo do exorcismo, tal como praticado durante a Contrarreforma, carrega

---

<sup>7</sup> YOUNG, 2016: 45-53.

<sup>8</sup> YOUNG, 2016: 96-97.

em si o risco de que se projete o seu modelo, de modo anacrónico, seja no passado, antigo e medieval, seja no presente, “quando, de facto, o exorcismo é uma tradição cristã complexa e em constante evolução”.<sup>9</sup> Lendo-se o seu trabalho, fica-se convencido da pertinência deste argumento.

Apesar de todos esses méritos, o trabalho de Young apresenta importantes limitações, as quais, embora diferentes entre si, possuem características comuns: o autor, definitivamente, entrega menos do que promete. A começar pelo escopo da publicação. Embora o seu objetivo seja, como escreve no prefácio, “a evolução textual, ritual e canônica do exorcismo”, o mesmo admite, já no segundo capítulo, o problema desta abordagem:

“As fontes litúrgicas representam uma dificuldade para o historiador por duas razões principais. Em primeiro lugar, compilações litúrgicas tendem a ser conservadoras, incluindo por vezes ritos ou obsoletos ou culturalmente irrelevantes para o contexto imediato de sua produção. Em segundo lugar, textos litúrgicos, tomados em si mesmos, nada podem nos informar acerca da frequência com a qual um rito era realizado, e normalmente dizem muito pouco sobre os gestos usados, as pessoas presentes ou o local escolhido para a sua realização”.<sup>10</sup>

O projeto esgota-se rapidamente, e com muita razão: para além dos formulários já mencionados, do *Pontifical Romano Germânico* (século XI), das compilações quinhentistas – como o *Liber sacerdotalis* de Alberto Castelani (1523) ou o *Rituale* do cardeal Santori (1584) – e dos próprios ritos oficiais da Igreja (1614 e 1999) as informações litúrgicas sobre o exorcismo são bastante fragmentárias e fica-se com a impressão de que, afinal, um livro inteiro dedicado a tal abordagem talvez seja um exagero. O autor parece entender o mesmo pois, após o quarto capítulo, centrado no contexto das reformas, deixa em segundo plano a análise dos textos, e envereda pela velha temática da propaganda religiosa, dentro e fora da Europa (capítulo 5), pelas suspeitas ilustradas e condenações por parte da Igreja aos manuais de exorcismo (capítulo 6), tratando, por fim, das condições políticas, religiosas e culturais de seu ressurgimento, em fins do século XIX (no pontificado do papa Leão XIII) e na segunda metade do século XX (capítulos 7 e 8). O livro perde em originalidade e coerência metodológica, assumindo, definitivamente, um caráter introdutório.

---

<sup>9</sup> YOUNG, 2016: 7.

<sup>10</sup> YOUNG, 2016: 56.

Mesmo no capítulo sobre a Contrarreforma, é difícil compreender as reticências do autor em analisar os manuais de exorcismo surgidos na Itália a partir da segunda metade do século XVI. Segundo Vincenzo Lavenia – talvez a maior autoridade no assunto, e sensivelmente ausente de sua bibliografia – tais manuais constituíram um gênero demonológico tipicamente italiano, organizados em diálogo com os saberes médicos da época e obstinados em demonstrar a evidência da ação diabólica no mundo, seja através das bruxas, seja da possessão.<sup>11</sup> Young limita-se a qualificar a obra de Girolamo Menghi – o principal autor destes manuais – como um exemplo da “magicalização” do exorcismo, detendo-se nos aspectos mais pitorescos de um manual como *Fuga Satanae* (1597), de Pietro Antonio Stampa, para provar a sua tese, segundo a qual – e tornar-se-á a isto, adiante – exorcismo e magia são praticamente indistinguíveis.

Assim, embora afirme, na “Introdução”, que “uma história do exorcismo católico não se pode limitar a uma história institucional do exorcismo”, conforme aprovado pela Igreja,<sup>12</sup> o autor abandona aquela que é, provavelmente, a linha de comparação mais imediata: as similaridades e diferenças entre os formulários oficiais e os manuais quinhentistas e seiscentistas, muitos dos quais, como ele mesmo nota, condenados no século XVIII. A mesma oportunidade é perdida ao tratar das possessões conventuais francesas. Embora demonstre conhecer a obra escrita de Jean-Joseph Surin – exorcista de Jeanne des Anges, priora das ursulinas de Loudun – não se detém em analisar as suas idiosincrasias exorcísticas, aspecto proeminente de sua abordagem original à possessão demoníaca.<sup>13</sup> Se o escopo documental são os textos de exorcismo, “tomados em si mesmos”, não se entende como seja possível ir além de uma história institucional, se os demais textos são apreciados apenas *en passant*.

O caráter apriorístico de algumas afirmações, para além das incoerências metodológicas, constitui uma segunda limitação deste livro. A primeira delas é uma sentença sem fundamento histórico. Seguindo o diagnóstico de Sarah Ferber, de acordo com o qual as guerras religiosas, o medo das bruxas e as tentativas de regular a espiritualidade mística favoreceram a multiplicação dos exorcismos na França do século XVI, Young afirma que, onde “a divisão na Igreja e o medo de um inimigo externo”, somados a uma “sensibilidade apocalíptica” estiveram parcial ou totalmente ausentes, “a prática dos exorcismos

---

<sup>11</sup> LAVENIA, 2005.

<sup>12</sup> YOUNG, 2016: 17.

<sup>13</sup> YOUNG, 2016: 124. SURIN, 1990: 17-32.

mergulhou num período de crise”.<sup>14</sup> Embora isto seja plausível em determinados contextos, tal afirmação depende de um determinismo injustificado e muito em função do que Young entende como crise dos exorcismos: se entendi bem, o seu uso para além dos casos de possessão, ou seja, a sua trivialização.<sup>15</sup>

Compreende-se, portanto, como a própria ideia de exorcismo é uma noção preconcebida, e não o resultado de uma investigação sistemática. “Não existe exorcismo sem possessão”, escreve Young.<sup>16</sup> Em regiões da Europa do sul, como Portugal, Espanha e Itália – territórios marcados pela atuação da Inquisição – as pesquisas tem revelado como boa parte dos exorcismos se direcionavam, primariamente, a desfazer malefícios e não a curar possessos.<sup>17</sup> Como falar em crise, se a prática regular e sistemática de muitos exorcistas foi atestada – nas mais diversas condições políticas e culturais e muitas vezes com indignação – pelos inquisidores? Crise em relação ao conceito eclesiástico e litúrgico do exorcismo, talvez; não à prática concreta e quotidiana.

A segunda afirmação não demonstrada e apenas estilizada é a de que, “historicamente, a principal diferença entre o exorcismo e a magia ritual se baseia mais numa questão de autorização que em termos de forma ou função”. Para Young, com efeito, “a magia ritual é um exorcismo não-autorizado”.<sup>18</sup> Não é possível encontrar no livro, a despeito de tais afirmações, uma análise comparativa entre fórmulas exorcísticas e fórmulas mágicas que demonstre a pertinência, pelo menos a nível textual, de tão peremptório julgamento. Assim, embora afirme em seu prefácio que “a história da magia não pode ser propriamente compreendida sem uma apreciação da história do exorcismo” – o que justifica, segundo o mesmo, a inclusão de seu estudo numa série de livros dedicados à bruxaria e à magia<sup>19</sup> - termina por exigir de seu leitor uma aceitação implícita de suas afirmações, pretensamente transparentes. Afirmar que as fórmulas exorcísticas foram apropriadas para fins mágicos é bastante diferente de dizer que eram fórmulas mágicas em si mesmas.

---

<sup>14</sup> YOUNG, 2016: 2.

<sup>15</sup> YOUNG, 2016: 61.

<sup>16</sup> YOUNG, 2016: 13.

<sup>17</sup> LAVENIA, 2005; ROMEO, 1990; RIBEIRO, 2003; O’NEILL, 1987. Não posso deixar de mencionar minhas próprias pesquisas junto ao Arquivo da Universidade de Coimbra para a tese de doutoramento – a ser defendida ainda este ano – as quais demonstram, para a realidade portuguesa, a ampla utilização do recurso aos exorcismos como estratégia antimaleficial.

<sup>18</sup> YOUNG, 2016: 16.

<sup>19</sup> Trata-se da mais que importante *Palgrave Historical Studies in Witchcraft and Magic*, dirigida por Jonathan Barry, Willem de Blécourt e Owen Davies, contando atualmente com 31 títulos em seu catálogo. Cf. <https://www.palgrave.com/gp/series/14693> (acedido em 30/03//2018).

Uma última crítica. Não deixa de ser decepcionante que um livro tão ambicioso ofereça tão pouco espaço (pp. 8-13) à análise da historiografia. Esta é, de fato, uma urgente tarefa: de modo diverso dos trabalhos sobre a “caça à bruxas” – para a qual os balanços historiográficos existem desde a década de 1970 – e mesmo da literatura antropológica, a historiografia da possessão demoníaca e dos exorcismos ressentem-se de uma visão de conjunto crítica acerca de seus eventuais progressos cognitivos, inovações metodológicas e diálogos interdisciplinares.<sup>20</sup> Sem um debate rigoroso e direcionado, os trabalhos de síntese permanecem por demais enclausurados nas limitações de seus autores.

Tais senões não obstam a leitura de um livro que, repita-se, se inscreve como uma contribuição relevante para o crescimento e consolidação de uma área de estudos tão florescente como a das possessões e exorcismos. Nele o leitor encontrará informações relevantes, análises percucientes e – o que é extremamente útil aos que pela primeira vez se aproximarem do tema – uma leitura prazerosa e repleta de referências.

## Bibliografia

- ALMOND, Philip (2004) – *Demonic possession in Early Modern England*. Contemporary texts and their cultural context. Cambridge: Cambridge University Press.
- BODDY, Janice (1994) – Spirit possession revisited: Beyond instrumentality. *Annual Review of Anthropology* 23, pp. 407-434.
- BRAMBILLA, Elena (2011) – *Corpi invasi e viaggi dell'anima*. Santità, possessione, esorcismo dalla teologia barroca alla medicina illuminista. Roma: Viella.
- BULL, Carlos Puyol (1993) – *Inquisición y política en el reinado de Felipe IV*. Los procesos de Jerónimo de Villanueva y las monjas de San Plácido, 1628-1660. Madrid: C.S.I.C.
- CACIOLA, Nancy (2006) – *Discerning spirits*. Divine and demonic possession in the Middle Ages. Ithaca: Cornell University Press.
- CERTEAU, Michel de (2000) – *The possession at Loudun*. Chicago: The University of Chicago Press.
- CHAVE-MAHIR, Florence (2011) – *L'Exorcisme des Possédés dans l'Eglise d'Occident (Xe-XIve siècle)*. Turnhout: Brepols.
- DICKERMAN, Edmund; WALKER, Anita (1991) – A woman under the influence: A case of alleged possession in sixteenth-century France. *Sixteenth Century Journal* 22, pp. 535-554.
- FERBER, Sarah (2004) – *Demonic Possession and Exorcism in Early Modern France*. New York: Routledge.
- LAVENIA, Vincenzo (1998) – I diavoli di Carpi e il Sant'Uffizio (1636-1639), in Eretici, esuli e indemoniati nell'età moderna, a cura di Mario Rosa, Olschki, Firenze, pp. 77-139.

---

<sup>20</sup> MONTER, 1972. A respeito da literatura antropológica sobre possessão, cf. BODDY, 1994.

- LAVENIA, Vincenzo (2009) – La possessione demoniaca nell'Italia postridentina. Santa Grata, Bergamo 1577-1625, «Quaderni di Archivio Bergamasco», 3, pp. 61-97.
- LAVENIA, Vincenzo (2005) – “‘Tenere il maleficio per cosa vera’. Esorcismi e censura nell'Italia moderna”, In BONANI, Vittoria. Dal torchio alle fiamme. Inquisizione e censura: nuovi contributi dalla più antica Biblioteca Provinciale d'Italia. Atti del Convegno Nazionale di Studi. Salerno.
- LEVACK, Brian (2013) – *The devil within*. Possession and exorcism in Christian West. Yale University Press: New haven and London.
- LEVI, Giovanni (2000) – *A herança imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MAGGI, Armando (2001) – *Satan's Rhetoric: A Study of Renaissance Demonology*. Chicago: University of Chicago Press.
- MANDROU, Robert (1979) – *Magistrados e feiticeiros na França do século XVII*. São Paulo: Perspectiva.
- MIDELFORT, H. C. Erik (1986) – Catholic and Lutheran reactions to demon possession in the Late seventeenth century: two case histories”, *Daphnis*, 15, pp. 623-648.
- MIDELFORT, H. C. Erik (1989) – “The devil and the German people: reflections on the popularity of demon possession in sixteenth century Germany”, In: OZMENT, Steve (Org.) *Religion and culture in the Renaissance and Reformation*. Kirksville: Truman State University Press, pp. 99-119.
- MONTER, William (1972) – The Historiography of European Witchcraft: Progress and Prospects. *The Journal of Interdisciplinary History*. Vol. 2, No. 4, Psychoanalysis and History, pp. 435-451. Disponibile em: <http://www.jstor.org/stable/202315> (acceduto em 30/03/2018).
- NICOLOTTI, Andrea (2011) – *Esorcismo Cristiano e Possessione Diabolica tra II e III Secolo*. Turnhout: Brepols.
- O'NEIL, Mary R. (1987) – “Sacerdote ovvero strione: Ecclesiastical and Superstitious remedies in 16th Italy”, In: KAPLAN, Steven L (Ed.) *Understanding popular culture*. Europe from the Middle Ages to the Nineteenth Century. New York: Mouton, pp. 53-83.
- RIBEIRO, Márcia Moisés (2003) – *Exorcistas e demônios*. Rio de Janeiro: Campos.
- ROMEO, Giovanni (1998) – *Esorcisti, confessori e sessualità femminile nell'Italia della Controriforma*. Firenze: Le Lettere.
- ROMEO, Giovanni (1990) – *Inquisitori, esorcisti e streghe nell'Italia della Controriforma*. Firenze: Sansoni Editore.
- SLUHOVSKY, Moshe (2007) – *Believe not every spirit*. Possession, Mysticism and Discernment in Early Modern Catholicism. Chicago: The University of Chicago Press.
- SURIN, Jean-Joseph (1990) – *Triomphe de l'Amour Divine sur les Puissances de l'Enfer*. Grenoble: J. Millon.
- TOLOSANA, Carmelo Lisón (2004) – *La España Mental: el problema del mal*. Demonios y exorcismos em los Siglos de Oro. Madrid: Akal/Básica de Bolsillo.
- WALKER, D. P. (1982) – “Demonic possession used as propaganda in the later sixteenth century”, In: *Scienze, credenze occulte, livelli di cultura*. Florence: Leo S. Olschki, pp. 237-248.
- WALKER, D. P. (1981) – *Unclean spirits: Possession and exorcism in France and England in the late sixteenth and early seventeenth centuries*. London: Scolar.